

Drømmer om Storhet
Sonhos de Grandeza
Capítulo III

Tradução: Igor F. Brito Pires

A calidez bateu-me assim que sai do meu escritório em direção a Karl Johan. As impreteríveis incumbências diárias cessaram por hoje, e agora poderia eu em límpida consciência deter-me a cerca de meus próprios escritos. Meus esforços literários progressos haviam sido um tanto mais que a primeira fase de uma surgente carreira como escritor. O romance *A Carta*, de 1984, conta sobre alguém que partira para criar seu próprio espaço, onde tudo poderia suceder-se. Em *Harry Fora de Si*, uma coletânea de pequenas histórias de 1985, explorei ali pela prima e derradeira vez o ensejo para textos curtos em prosa, e na coletânea poética de 1990, *O Colhedor de Bagas*, adotei o soneto.

O silêncio reverberava silencioso. E como o era. Na verdade, eu publicara nada por mais de dez anos. É claro que eu escrevera obstinadamente, porém sem norte algum. A guinada do sinal dos tempos expulsou-me das cálidas cadeiras de reunião dos editores onde um dia ali já estive. Estava eu ali de pé no corredor, comedidamente, a espera de uma segunda chance, enquanto o ímpeto renovado porvir passara à porta. Não me manifestei no passado depois. Divagava eu num inverno literário que durara seguidos anos.

Era eu áspero? Não. Tinha eu desistido da carência de nível cultural desse país? Sim! O que um norueguês mediano sabe sobre o custo do labor e suplício para levar a sério um sonho? O que eles sabiam sobre o caminho para o triunfo?

O A-Ha sabia. Eles sentiram a apetência análoga às edições modernas de Knut Hamsun em Londres, como ratos entre monturos e extratos da cidade. Viveram na esperança e na certeza

de que tinham algo muito grande para a pequena Noruega, como uma força que explodira no peito, a voejar alto sobre o fariasísmo social-democrático da Noruega. É claro que os problemas perfilavam-se, porém eles combatiam-nos. Há quem diga que tratara de sorte. Não para eles. Tinha a ver com talento e como o discernimento de Harket, Furuholmen e Waaktaar foram concebidos num só.

Tomei a Karl Johan e dirigi-me ao *Slottet*, o palácio real. As pessoas, usando óculos escuros e bebendo cerveja, usufruíam do bom tempo que ali fazia, sentados às mesas do lado de fora dos restaurantes. Na livraria *Tanum*, parei e observei o mostruário. Todos os últimos romances policiais lá estavam amontoados próximos aos livros de culinária de renomados chefes de cozinha, e outros daqueles que se diziam saber cozinhar. Não havia uma ficção séria sequer cerca. No entanto, o tradicional Dicionário Norueguês fora laureado com um pequeno canto devido ao início do ano letivo. Balançando a cabeça, prossegui.

Nunca duvidara que havia algo a mais pra mim do que todos esses escritores moderados que tentaram e que até conseguiram com que seus trabalhos fossem publicados. Aqueles que não tinham nada sobre o quê escrever, naquilo que se espera de um escritor nesse país, publica-se um ou dois livros por ano, pensei. Publica-se e vende-se para todas as bibliotecas públicas, e é essa a cereja do bolo para esses parvos ditos artistas.

Honestamente, eu não deveria despontar-me maior do que de fato era no momento. Estava eu lúcido que tudo até então produzido são meras espécimes comparadas àquelas ainda por vir. Este era apenas o embrião de algo maior porvindouro. Poderia até eu conceber que o Prêmio Literário do Conselho Nórdico estava ao meu alcance, por assim dizer. A avidez em escrever avultava-se em meu íntimo. Eu era como um pão a crescer, que tão pronto iria

espargir no estanho, fora do forno, tal como a conquistar o mundo.

Como Rainer Maria Rilke certa vez proferiu? Ser artista não significa etiquetá-lo tal e qual a aritmética o faz, mas impor-se serenamente nas tempestades hibernais sem temer que o verão não mais se avizinhe? Ele revelar-se-á somente para quem paciente for, para aqueles que vivem a vida como se a própria eternidade estivesse rente aos olhos, amena, silente e perene.

Devo admitir que às vezes minha paciência fora posta à prova vez ou outra, porém finalmente é outono, minha estimada estação.

Atravessei a Universitetsgaten para a Karl Johan, caminhando em direção às estátuas de dois dos maiores escritores noruegueses, Ibsen e Bjørnson, cada um em pé em seus pedestais de frente ao Teatro Nacional. Parecia que intentavam dar entre si um sorriso, mas eles, indubitavelmente, tinham mais cartas na manga do que 99% de todas as pessoas que hoje se dizem escritores, julguei. Parei e examinei seus rostos: Bjørnson tinha algo de pomposo, já Ibsen, um tanto austero. Eram dois gigantes em seus montículos, dois símbolos que cada um ao seu modo deixou seus legados nesta pátria, ponderei.

Mas o que aconteceu com Wengerland, perguntei-me.

Olhei em volta, e dei-me conta dele ermo, do outro lado da rua. Sim! Colocaram-no do outro lado da rua. Apesar de estar numa posição proeminente em relação ao Parlamento, ainda assim estava solitário.

Wengerland, no entanto, parecia contente o bastante assim que me aproximei, observando-o. Comparado aos outros dois cavalheiros, Wengerland parecia-me mais realista e substancial, pensei.

Vi o bonde subindo a *Stortingsgaten* e atravessei-a, seguindo em direção à parada. O ônibus que seguia para *Tårnåsen* vinha na direção oposta logo que contornei a esquina.

Estava decidido a regressar ao meu apartamento e despertar meus escritos assim que saísse do bonde. No caminho, parei para observar através mostruário da *Fire Høns*. Não avistei conhecidos lá dentro, havia somente uns velhos dormitando em frente a uma cerveja.

Li recentemente um artigo sobre a importância de hidratar-se em temporadas quentes. Caso contrário, as coisas podem ficar maquiavélicas para essa intrincada máquina chamada corpo. O artigo recomendou a ingestão de 10 a 15 litros diários, porém questiono tal lisura. O equilíbrio dos fluidos estava em entropia. Minha cabeça estava pesada, mas à parte, meus braços estavam inopinadamente leves. Estava com medo que minha inspiração desvanecesse caso eu não fizesse algo imediatamente.

Hjort estava, como de praxe, detrás do balcão, limpando seus óculos, enquanto murmurava sincronicamente o grande sucesso do verão de *Hubert & Hannkattene*, “*Chute Meu Traseiro*”.

- Não diga nada – ele disse. – Queres uma cerveja.
- Sem colarinho – completei.
- Não queres experimentar a nova cerveja da Monrovia? – perguntou Hjort.
- De onde?
- Eles produzem cervejas muito boas lá – disse Hjort.

Não faço ideia do quanto Hjort recebe para propalar tamanha bodega alcoólica da Libéria, mas sabia que iria tomar uma cerveja sem colarinho. Felizmente, ele cessou a investida e encheu o

copo, ao passo que sentava e olhava caprichosamente, assegurando que tudo estava dentro dos conformes.

- Muito colarinho – eu disse.

- Só um instante – disse Hjort.

- Não pagarei pelo colarinho – exclamei.

Hjort removeu o colarinho e muniu novamente o copo. Ele então empurrou o copo sobre o balcão. Tomei um gole, apreciando-a, à medida que a cerveja começava a harmonizar meu corpo.

- Já percebeste que ultimamente Higgins anda com um mau cheiro – perguntou Hjort.

- Ele estava aqui ontem e tive que pedir para ele sair – disse Hjort.

– Vá pra casa e tome um banho – eu disse.

- Humm – eu disse.

- Estou tocando um negócio aqui – comentou Hjort.

- Higgins é um artista – eu disse.

- Esse é do arco da velha – replicou Hjort.

De fato era? Poderíamos esperar de artistas purgarem-se tanto como os demais? Achava que não, mas abri-me para diferentes teses, afinal de contas, vivíamos num país livre. Havia limites é claro. Ainda assim, alguma coisa ainda havia de ser dita caso estivesse acometendo outrem. A questão era se esse dia havia chegado.

- O que queres dizer com cheirar? – eu perguntei.

- Exatamente o que eu disse – replicou Hjort.

- Quiseste dizer *feder*? – eu disse.

- Quero dizer que ele cheira mal.

Helle adentrou com uma sacola da *FARGELAND* em mãos. Senti imediatamente uma inquietação aprisionada. Equivocara-se Helle se pretendia levar-me para casa para pintar sua cozinha. Eu tinha coisas mais importantes a fazer, disse eu a ela de uma maneira esmerada e afável.

- Sabia que te encontraria aqui – ela disse.

- Mesmo? – retruquei. – Vocês dois ponderam muitas coisas de forma excêntrica. Hjort acha que me conhece e considerou mesmo que tivesse vindo aqui para tomar uma cerveja.

- Pura intuição – disse Hjort.

- Na verdade estou indo pra casa e começar a ESCREVER. – eu disse. – Tenho um romance a ser escrito. Se eu não o fizer, quem fá-lo-á?

- Queria ir ao Huk – disse Helle.

- Ao Huk? Disse eu complacentemente. Inclinei à frente e beijei-a na testa. Coloquei-a contígua em meus braços. Sua pele exalava seu frescor, com apenas uma delicada fragrância de sabão natural e marmitta, porquanto vinha direto do trabalho.

- Poderíamos fazer um churrasco na praia – propôs Helle.

Olhei dentro de sua sacola. Ela comprara tinta, lixa, massa de vidraceiro e solvente, e mais ao fundo, instrumentais de pintura de origem controversa.

- Eu comprei um litro e meio pra começar – ela disse.

- Justo – eu disse, examinando a bolsa.

- Tentaram me vender 10 litros, mas eu disse não – explicou ela.

- Fizeste bem – concordei.

Por fim me apoderei de seus instrumentais e pu-los pra fora, para uma inspeção mais minuciosa. Havia alguns arquétipos feios com cabo de plástico e cerdas de arame. Eram os itens mais supérfluos que já vi.

- O que é isso? – indaguei.

- Broxas. – respondi.

- Mas que broxas medonhas. – eu disse. – Não sabes que broxas baratas mudam mais rápido do que exoesqueletos em ecdise?

- Elas ficarão bem – disse Helle.

- Não, não faça isso. – interpelei. – Não sabes o que estás falando. Hjort pode certificar o que digo.

Contudo, ele já partira, escondera-se em algum lugar nos fundos da cozinha, por isso, ficara eu sem sua assistência.

- Há duas coisas primordiais na vida. – eu disse. – A primeira é beber muita água. A segunda é um pintor usar broxas apropriadas.